

O COMING-OF-AGE ENQUANTO ESTÉTICA LITERÁRIA EM O SOL É PARA TODOS (2002), DE HARPER LEE: O FIM DA INOCÊNCIA INFANTIL

*Nilton Lima Rocha Júnior**
niltonlimajr13@gmail.com
Universidade Federal de Uberlândia

*Yasmine Sthéfane Louro da Silva***
yasmine.silva@cessin.uema.br
Universidade Estadual do Maranhão

*Diana Barreto Costa****
diana.costa@uemasul.edu.br
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

* Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia (PPGELIT-UFU), vinculado à linha 1 de pesquisa: Literatura, Teoria e Crítica. Possui Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas, no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras (CCHSL), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Bolsista de projeto de Iniciação Científica ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: motivação, expectativas e crenças de professores e alunos dos anos finais do ensino fundamental da rede pública municipal, de Estreito (2019-2020), atuou novamente como bolsista do projeto de Iniciação Científica ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: motivação, expectativas e crenças de professores e alunos dos anos finais do ensino fundamental da rede pública municipal, de Estreito (2020-2021). Bolsista do Programa de MONITORIA 2023.1 na disciplina Literatura de Língua Inglesa: a ficção. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada e Literaturas Anglófonas (GEPLALA) da UEMASUL. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas.

** Atua como Professora Assistente I na Universidade Estadual do Maranhão desde 2025. Doutoranda em Letras, com concentração em Literatura, com linha de pesquisa em Literatura, cultura e sociedade, pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Mestre em Letras, com linha de pesquisa em Teoria, Crítica e Comparatismo, pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Especialista em Literatura em Língua Inglesa pela Faculdade de Educação São Luís. Especialista em Ensino de Língua e Literatura pelo Instituto Federal de São Paulo - IFSP. Graduada em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. É coordenadora do Grupo de Pesquisa em Literaturas Anglófonas, o GPLAN/UEMA. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada e Literaturas Anglófonas da UEMASUL, O GEPLALA, e o Grupo de Estudos em História e Literatura da PUC-Minas, o GEHISLIT.

*** Professora Associada I, lotada no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras (CCHSL), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), no Campus de Imperatriz. É Diretora do Curso de Letras Licenciatura em Língua Inglesa e Literaturas. É Coordenadora Geral do Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão. É Advogada. Graduiu-se em Letras, pelo Centro de Estudos Superiores de Imperatriz CESI/UEMA (1994), fez Mestrado em Ciências da Educação pelo Instituto Pedagógico Latino Americano e Caribenho - IPLAC (1999) cujo título foi revalidado pela Universidade Estadual do Pará (UEPA) e fez Doutorado em Ciencias de la Educacion pela Universidad del Norte (UNINORTE), em 2008. Integra os seguintes Grupos de Pesquisa: GEPLALA Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada e Literaturas Anglófonas e o Grupo de Estudos em Práticas Educativas e Formação de Professores (GEPEFP). Tem experiência na área de Letras, Educação e Metodologia da Pesquisa Científica, ministrando aulas e desenvolvendo pesquisas sobre as seguintes temáticas: Letras, ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, formação docente, Literatura anglófona, Ensino Médio, Estágio Supervisionado de Língua inglesa, Educação, Direitos Humanos, Letramentos, políticas públicas de educação, escola pública e qualidade na educação.

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo apresentar uma análise literária do romance *O sol é para todos* (2002), de Harper Lee, a partir dos temas e símbolos da narrativa, tratados aqui como dispositivos literários. A metodologia é de cunho bibliográfico e desenvolveu-se a partir da leitura de artigos e monografias, a fim de compor o referencial teórico sobre os dispositivos literários escolhidos para investigar a obra. Como fundamentação teórica, utilizam-se Freitas (2020) e Candido (1995), com suas contribuições acerca da importância da leitura literária, bem como Thompson (1973), cujos estudos sobre dispositivos literários serviram de base para esta pesquisa. Como resultados, aponta-se que os símbolos são fundamentais na construção da obra, suscitando significações para o leitor. Por meio da discussão de enunciados específicos, como o fim da inocência, compreende-se que o amadurecimento das crianças na narrativa, conhecido originalmente como *coming-of-age*, desenvolve-se a partir do diálogo entre as experiências das personagens, a discriminação racial e o próprio significado desse percurso para o leitor. Como considerações finais, indica-se que os leitores podem fazer uso de tais dispositivos interpretativos ao longo da leitura da obra, de modo a promover uma maior apreensão do significado intrínseco à narrativa, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas.

Palavras-chave: Símbolos e significação. Dispositivos literários. *O sol é para todos*.

1 Introdução

Desde muito cedo temos fascinação por histórias, tanto em contá-las como em escutá-las, e não há nada melhor do que um bom livro para nos levar a outros universos, outras culturas e vidas. Ler é, dentre as competências culturais, uma das mais importantes artes, pois é através da leitura que as pessoas desenvolvem o senso crítico e adquirem a competência interpretativa, como veremos ao longo do presente trabalho.

A presente pesquisa tem como escopo a obra *O sol é para todos* (2002), de Harper Lee, que se tornou um grande sucesso desde a sua publicação, recebendo o Prêmio *Pulitzer* em 1961, consolidando-se como um clássico da literatura de língua inglesa. A história é situada na cidade fictícia de Maycomb, Alabama, durante a Grande Depressão, quando Jean Louise Fitch, conhecida pelo seu apelido de infância, “Scout”, relembra a época em que seu pai, o advogado Atticus Fitch, esteve envolvido na defesa de Tom Robinson, um homem negro condenado injustamente por estuprar uma mulher branca.

O uso dos dispositivos por críticos literários e leitores serve de apoio para uma leitura significativa, sendo que o estudo das obras literárias serve também para uma melhor compreensão dessas obras, pois “os autores utilizam dispositivos literários e

esperam que seus leitores estejam familiarizados com esses dispositivos para poderem entender o que estão lendo”¹, como se vê em Thompson (1973, p. 113). Logo, apontamos que a obra de Lee, publicada originalmente em 1960, apresenta temas atemporais, como o amadurecimento infantil precoce e a consequente “perda da inocência” a partir do contato com a discriminação, seja social ou racial.

Hadi (2019, p. 5) aponta que “a história de amadurecimento tem grande parte do seu atrativo pelo fato de seus protagonistas serem compreensíveis para um público jovem. Pode chegar ao ponto de acompanhar as suas viagens de autodescoberta e sobrevivência”². Isto é, o tema do amadurecimento é um assunto que aproxima o leitor ainda mais da obra, pois, conforme Hadi (2019, p. 10), “essas obras também lembram sua capacidade de mudança, independentemente da sua idade”³.

Por isso, o objetivo geral que norteia a pesquisa é apresentar uma análise literária do romance *O sol é para todos* (2002), de Harper Lee, a partir dos temas e símbolos presentes na narrativa, tratados aqui como dispositivos literários. Como objetivo específico, nos propomos a apontar como os dispositivos literários auxiliam na leitura de obras literárias. Para isso, a metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, a partir de materiais referentes aos temas aqui pesquisados, presentes na obra de Harper Lee (2002).

Antes de prosseguirmos, é relevante elucidar a questão sobre a discrepância semântica acerca do título da obra em inglês e em português brasileiro. No título em inglês, *To Kill a mockingbird*, “para matar um rouxinol” em tradução livre, faz-se referência a um evento específico do livro, que será melhor elucidado ao longo da pesquisa, em razão de sua importância para os desdobramentos da narrativa. No título em português brasileiro, contudo, evidencia-se um aspecto relevante em sua adaptação: como rouxinóis não são comuns para a fauna brasileira, decidiu-se utilizar um outro elemento: o “sol”. Como o livro ambienta-se justamente no verão, a frase “o sol é para todos” sugere que o verão é um fenômeno democrático e que deveria ser aproveitado igualmente por todas as pessoas, independentemente de gênero ou raça, por exemplo. Assim como o “sol” é visto como o símbolo máximo de oportunidade, afinal, todos os seres humanos têm “direito” igualmente à luz do sol.

¹ [...] authors use literary devices and expect their readers to be familiar with the devices if they are to understand what they are reading.

² The coming-of-age story draws much of its appeal for how relatable its protagonists are to a young audience. It can reach the point where you come along for their journeys of self-discovery and survival.

³ These works also remind you of your capacity for change, no matter your age.

Por isso, ainda que utilizemos o título em português em respeito pela tradição brasileira de assim denominá-la, recorreremos ao título original para aprofundarmos a nossa análise sobre a perda da inocência e o amadurecimento infantil precoce. Indicamos, portanto, que a obra *O sol é para todos* (2002) é complexa na aplicabilidade de dispositivos literários para narrar a história do amadurecimento intelectual das crianças, aproximando-a do leitor por meio dos símbolos. É relevante salientar que, além de recorrermos à tradução brasileira, publicada pela José Olympio, de 2011, também utilizamos traduções autorais da obra de Lee, de modo a contemplar, na análise, os signos utilizados por ela no seu idioma original. Para isso, recorremos a edição em inglês da *Perennial Classics*, de 2002.

Com base nisso, Kasim (2022, p. 26) afirma que

o romance aborda as ideologias e características associadas ao Deep South do final dos anos 1930. O que confere a este romance um lugar pertinente na literatura americana é a maneira honesta como a história se desenrola, aliada ao ponto de vista inocente a partir do qual é narrada.”⁴

Logo, é imprescindível lembrarmos que a obra é narrada do ponto de vista de uma menina, entre sete e nove anos de idade, e que, ao longo do livro, o leitor é lentamente introduzido à sua vida, à de sua família e à sua comunidade. O *coming-of-age* é utilizado por Lee (2002) como um recurso estético para fundamentar os pilares de sua obra em uma narrativa voltada para o desenvolvimento da consciência racial de Scout e uma subsequente “perda de inocência”, que aqui não sugerimos ser um processo de teor negativo, mas um evento cíclico para a subjetividade humana infantil, em desenvolvimento. É válido ressaltar que não nos debruçaremos sobre as estruturas do racismo enquanto elemento segregador ou acerca das intertextualidades históricas da obra de Lee (2002), mas, sim, sobre as experiências extrínsecas de uma pessoa branca ao presenciar a discriminação, seja social ou racial. Sendo assim, por isso, consideramos fundamental a exploração temática dos símbolos que estruturam o livro, utilizados como ferramentas para aprofundar a experiência do leitor.

Dessa forma, estruturamos o trabalho em duas seções: na primeira, *A literatura e os dispositivos literários: significação a partir de símbolos na construção da semiose*,

⁴ “The novel tackles the ideologies and characteristics with the Deep South of the late 1930s. What gives this novel such a pertinent place in America literature is the honest way the story unravels along with the innocent point of view in which is told”.

nos apropriamos dos apontamentos dos autores selecionados na fundamentação teórica, partindo da premissa da importância da literatura para o desenvolvimento do senso crítico e interpretativo, permitindo aos leitores, por exemplo, conhecerem melhor a história e a cultura de outros povos, a partir do que chamamos de dispositivos literários. Na segunda, *O fim da inocência em O sol é para todos (2002), de Harper Lee: o coming-of-age como estética literária*, tratamos da análise da obra *O sol é para todos (2002)*, a partir do percurso metodológico definido pelos dispositivos literários, dos temas e dos símbolos presentes na obra, que determinam o seu significado intrínseco e imanente.

2 A literatura e os dispositivos literários: significação a partir de símbolos na construção da semiose

Na literatura, os símbolos são utilizados pelos autores para representar uma ideia, ou, até mesmo, para retratar um tema. Sharopidinovna e Nasirona (2021, p. 35, tradução nossa), apontam que “o símbolo como a forma mais importante de personificação da visão de mundo do escritor ainda terá uma longa vida também na literatura”.⁵ Eles não tomam uma forma literal, mas podem se apropriar do signo relativo a um objeto ou até mesmo um animal e passam a ser usados para passar uma mensagem, como melhor elucidaremos ao longo da seção.

Como Sharopidinovna e Nasirovna (2021, p. 234) salientam, “os símbolos na literatura podem ser objetos, animais, fenômenos conhecidos, como fenômenos naturais [...], signos de objetos, ações, etc.”.⁶ Os símbolos encontrados em textos literários auxiliam os escritores no desenvolvimento de suas histórias, pois eles podem relacioná-los entre o real e o imaginário. Baseado nisso, Brooks e Warren (1983, p. 267, tradução nossa) ressaltam que

na literatura, objetos e eventos muitas vezes se tornam simbólicos, possuindo um significado mais amplo e, assim, tornando-se expressivos do significado do autor. Como a ficção é concreta e dramática em sua

⁵ The symbol as the most important form of embodiment of the writers' worldview is yet to live a long life in the literature as well.

⁶ “Symbols in literature may be objects, animals, known phenomena, such as natural phenomena [...], signs of objects, actions, etc.”

apresentação, o autor deve necessariamente fazer uso de símbolos em algum ponto.⁷

Sendo assim, o contato com textos literários dá autonomia ao leitor para apropriar-se de seus sentimentos e refletir acerca de sua posição na sociedade, ao mesmo tempo em que o possibilita conhecer diversas culturas, tradições em outras épocas, desde que a literatura ultrapassa fronteiras geográficas, históricas e temporais. Dessa forma, como Candido (1995, p. 169) afirma, “chamarei a literatura no sentido mais amplo como todas as criações com um toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis da sociedade e em todas as formas culturais”. Assim, podemos apontar que todos os gêneros de literatura contribuem para a construção do senso crítico e interpretativo do leitor.

Desse modo, o escritor peruano Mario Vargas Llosa defende a literatura como um dos meios principais para esse contato com as histórias além do tempo, uma vez que:

A literatura, [...], diferentemente da ciência e da técnica, é, foi e continuará sendo, enquanto existir, um desses denominadores comuns da experiência humana, graças ao qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, independentemente de quão distintas sejam suas ocupações e seus desígnios vitais, as geografias, as circunstâncias em que se encontram e as conjunturas históricas que lhes determinam o horizonte (Llosa, 2009).

Por isso, ler literatura é se aventurar nos mais profundos conhecimentos das histórias que já foram escritas. Candido (1995, p. 3) defende a literatura quando diz que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os tempos”. Compreendemos que, ao ler, a imaginação flui melhor e o leitor é levado a entender a situação em que o personagem está inserido a partir dos símbolos inseridos na narrativa, e, com isso, amplia a sua visão de mundo a partir do tema abordado. A literatura proporciona o desenvolvimento da capacidade leitora naqueles que a consomem e favorece uma melhor convivência desse indivíduo em sociedade e consigo mesmo. Harold Bloom (2001, p. 15) reforça isto quando aponta que

Ler bem é um dos grandes prazeres da solidão; ao menos segundo a minha experiência, é o mais benéfico dos prazeres. Ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria ou à de nossos amigos, presentes ou futuros. Literatura de ficção é alteridade e, portanto, alivia a solidão. Lemos não apenas

⁷ “In literature, objects and events often become symbolic, possessing a wide significance and thus becoming expressive of the author’s meaning. Since fiction is concrete and dramatic in its presentation, the author must necessarily make use of symbols at some level”.

porque, na vida real, jamais conheceremos tantas pessoas como através da leitura, mas, também, porque amizades são frágeis, propensas a diminuir em número, a desaparecer, a sucumbir em decorrência da distância, do tempo, das divergências, dos desafios da vida familiar e amorosa.

Sendo assim, os dispositivos literários são ferramentas e técnicas específicas que permitem aos escritores passarem uma informação ou mensagem em suas obras, além do que está escrito explicitamente. Esses dispositivos trazem uma riqueza para os textos literários e favorecem o estudo mais profundo, dado que, “com explicações e prática na interpretação de dispositivos literários, os alunos estarão mais aptos a interpretar a literatura”⁸, como se vê em Thompson (1973, p. 56).

De acordo com Gabrielsen, Blikstad-Balas e Tengberd (2019, p. 23, tradução nossa), “ensinar os alunos sobre dispositivos literários pode ajudá-los a desenvolver competências linguísticas e retóricas, permitindo que eles se expressem e construam uma compreensão mais profunda ao falar, pensar e escrever sobre literatura”.⁹ Como observado, trabalhar com esses dispositivos beneficia o ensino da literatura, mas também cooperam para a capacidade leitora.

É relevante salientar, portanto, que o letramento literário aqui proposto não acontece apenas em sala de aula, mas ocorre também a partir do esforço individual do leitor em continuar o seu autoaperfeiçoamento por meio de uma leitura contínua de textos literários esteticamente complexos, que permitam uma compreensão espontânea das suas estruturas, sem necessariamente depender de elementos externos para proporcionar uma significação para além da semiose. Assim sendo, compreendemos que a literatura atrai o leitor pelo fato de aproximá-lo da realidade, conforme Zilberman *apud* Freitas (2020). Tal aproximação é o que promove a ligação entre o leitor e o livro, sabendo que, por meio da ficção, a literatura sintetiza uma realidade que possui amplos pontos de contato com o que o leitor vivencia cotidianamente, por meio da semiose.

De acordo com o dicionário Routledge (2006, p. 239), tema, em uma obra literária, “se apresenta indiretamente através da recorrência de certos eventos, imagens ou símbolos”¹⁰. Ou seja, os temas nas narrativas são as ideias em torno da

⁸ “Students would learn to interpret literature better they had explanations and practice in interpreting literary devices.”

⁹ “Teaching students about [...] literary devices can help them develop linguistic competence, thereby enabling them to express themselves and build deeper understanding when talking, thinking, and writing about literature”.

¹⁰ “[...] is indirectly expressed through the recurrence of certain events, images or symbols.”

qual a história se desenvolve. Dessa forma, apontamos que, a partir de tais dispositivos, pode-se identificar e explorar os métodos, estilos, modos e estratégias que um autor usa para esmerar sua escrita. Esclarecemos que há uma grande variedade de dispositivos literários, como: temas, motivos, símbolos, metáforas, prenúncio, entre outros, como indica Mukhametzyanova (2019). Entretanto, neste estudo serão trabalhados apenas os temas e os símbolos.

Os temas têm um papel importante na narrativa das obras literárias, pois, como pontua Dupriez (2016, p. 11), “dentro de uma obra, o tema é um conceito recorrente”¹¹. Corroborando tal fala, Dobie (2011, p. 267) aponta que tema é, “o ‘ponto’ ou o ‘significado’ de uma história”.¹² Posto dessa maneira, a obra de Lee (2002) possui diversos temas; porém, como já explicitado, para a presente análise privilegiaremos apenas a discussão sobre a perda da inocência, a discriminação racial e o amadurecimento, que chamamos aqui de *coming-of-age*, conforme já explicitado anteriormente.

Assim sendo, em sua narrativa, Harper Lee (2002) recorre aos símbolos, de forma que, na sua escrita, somos capazes de identificar facilmente uma linguagem literária mais complexa e profunda. É imprescindível salientar que há uma diferença na tradução brasileira para o título de Lee (2002). Originalmente, o livro é intitulado como *To Kill a Mockingbird* (1960) e o significado do seu título é determinante para o enredo. Em um determinado momento da narrativa, os filhos de Atticus são ensinados a atirar, mas recebem uma importante recomendação: para que nunca atirem em pássaros, especificamente em rouxinóis, pois são eles os responsáveis por alegrar o dia dos humanos com o seu canto. Ou seja, que para “matar um rouxinol” o ser humano precisa ser cruel e perverso, de índole questionável, pois seria uma violência desproporcional contra um ser inofensivo, “inocente”.

Ao longo da narrativa, alguns personagens representam esse *mockingbird*, ou seja, a inocência, como Boo Radley e Tom Robinson. No julgamento deste último, fica comprovado que Tom é inocente; porém, o júri constitui-se de homens supremacistas brancos e, por essa razão, ele é acusado e vira réu. Na penitenciária, em uma tentativa de fuga, Tom é baleado e morre. Baseado nisso, Goulart (2017, p. 228) explana que:

Na alegoria que dá nome à história, a personagem é comparada a um rouxinol (*mockingbird*), pássaro inofensivo cuja única função, segundo Atticus e a Srta. Maudie, seria “cantar para nosso deleite”. Robinson, [...], é

¹¹ “Within a work, the theme is an idea repeated frequently.”

¹² “The ‘point’ or the ‘meaning’ of a story.”

submetido a uma condição subalterna na qual o direito à representação lhe é negado tanto histórica – por meio de um júri segregado – quanto metaforicamente – pela supressão de sua própria voz em benefício alheio.

O título da obra é, pois, um símbolo que a autora utiliza para representar o tema da inocência. Está presente no personagem Tom Robinson, que assim como um *mockingbird*, não merece ser caçado e morto, porque só faz o bem para as pessoas. Lee utiliza-se também de outro personagem, Boo Radley, para exemplificar o tema inocência, como veremos melhor a seguir.

3 O fim da inocência em *O sol é para todos* (2002), de Harper Lee: o *coming-of-age* como estética literária

Na obra *O sol é para todos* (2002), a narradora é Jean Louise, chamada por seu apelido de infância, Scout. Os eventos narrados se passam dos seus sete aos nove anos, quando Scout recorda sobre uma sequência particular de ocorrências que marcaram a sua percepção de mundo para sempre. Sendo o narrador da obra uma criança, indicamos que o seu ponto de vista é formado por uma “redoma” de inocência, a ignorância que protege a subjetividade das crianças do cinismo do mundo. Com o seu irmão, Jem, Scout passa boa parte de sua infância brincando no balanço na casa na árvore, ao mesmo tempo em que tenta desvendar o mistério que envolve o vizinho deles, Boo Radley.

O sol é para todos (2002), de Harper Lee, é ambientado na cidade fictícia de Maycomb, no estado do Alabama. Scout e seu irmão cresceram anotando informações sobre os seus vizinhos. Ou seja, é a partir dessa observação ativa da vida alheia, que a redoma de inocência, que os envolve, quebra, e eles são forçados a encarar a dura realidade que é viver em uma cidade tão preconceituosa. Como eles descobrem posteriormente, como tantas outras cidades sulistas, Maycomb vive em um regime de segregação racial. Relacionado com os temas, a obra de Harper Lee também recorre aos seguintes desdobramentos narrativos, particularmente simbólicos, para desenvolvê-la: o título original do livro, *To Kill a Mockingbird* (1960) relaciona-se com o personagem Boo Radley, assim como com a trama de Tom Robinson, como desenvolveremos ao longo da seção, e o cachorro Tim Johnson, como discutiremos posteriormente.

Como já destacamos, um dos símbolos mais importantes do romance está no próprio título. Por isso, trabalharemos com o título em sua língua original, durante a análise. No capítulo 10, Atticus diz: “pode matar todos os gaios-azuis que encontrar, isto se conseguir acertar, mas lembre-se que *é um pecado matar um rouxinol*”¹³ (Lee, 2002, p. 103, grifo nosso, tradução nossa). É relevante salientar que essa é a única vez no livro que Atticus diz que é pecado fazer algo. Isso porque Atticus é um homem que cria os seus filhos livremente, permitindo-os viver a sua infância com plenitude. Em seguida, complementando a ideia, a vizinha deles, a Sra. Maudie, profere a seguinte explicação: “as cotovias não fazem nada a não ser cantar belas melodias para nós. Não estragam os jardins das pessoas. *Só sabem cantar com todo sentimento para nós*. É por isso que é pecado matar uma cotovia” (Lee, 2002, p. 103, grifo nosso, tradução nossa).¹⁴

Nessas duas citações, há a conotação de que ao *mockingbird*, à cotovia ou rouxinol, ou seja, um pássaro, é um pecado matar. A Sra. Maudie completa que os rouxinóis não fazem nada a não ser abençoar os humanos com a pureza dos seus cantos. Por isso, compreendemos que o *mockingbird* simboliza a inocência. Mas não meramente a inocência a partir da “ausência da culpa”, mas, sim, conforme a ideia de “ausência de maldade”. Com a escolha do título original em inglês, a obra sugere que essa inocência está sendo morta ou destruída a partir de qualquer discriminação que afete a dignidade humana. Nós apresentaremos duas circunstâncias em que o símbolo máximo do título, o rouxinol, é resgatado em seu significado conotativo, da “inocência”.

Na primeira delas, o representante é Arthur Radley, ou, como as crianças o apelidaram, Boo Radley. Boo é o filho mais novo dos Radley, uma família vizinha dos Finch. Nos capítulos iniciais da obra, Scout e Jem mostram interesse no homem misterioso, uma mistura de medo com fascínio que apenas um bom mistério pode provocar em uma criança. Em diferentes capítulos, as crianças tentam entender o que ele faz trancafiado dentro de sua casa. Neste cenário, o personagem de Boo Radley, assim como o de Tom Robinson, é usado como símbolo para representar o tema inocência, essa “ausência de maldade” inesperada ante uma opinião pública controversa.

¹³ “Shoot all the bluejays you want, if you can hit ‘em, but remember it’s a sin to kill a mockingbird”.

¹⁴ “Mockingbirds don’t do one thing but make music for us to enjoy. They don’t eat up people’s gardens, [...], they don’t do one thing but sing their hearts out for us. That’s why it’s a sin to kill a mockingbird”.

Boo Radley, que sofreu discriminação da sua comunidade e família em razão de uma delinquência de juventude, decidiu se isolar em sua casa desde então. As polêmicas acerca do seu nome o tornaram *persona non grata* para a comunidade de Maycomb e apenas o isolamento parecia solução para as fofocas crescentes. Boa parte do “mistério” é resultado do que Scout e Jem escutaram dos seus vizinhos, criando uma narrativa com características e reviravoltas que apenas a mente de uma criança consegue desenvolver. Tal “inocência” infantil é perceptível quando Scout aponta que “a casa dos Radley era habitada por uma *entidade desconhecida* cuja descrição era suficiente para nos fazer andar bem-comportados dias a fio” (Lee, 2011, p. 13, grifo nosso). Posteriormente, Scout continua narrando a respeito de Boo Radley:

Dentro da casa vivia um *fantasma malévolo*. As pessoas diziam que existia, embora eu e o Jem nunca o tivéssemos visto. Diziam que saía nas noites em que a lua estava baixa e punha-se a espreitar às janelas. [...] Certo dia a cidade acordou aterrorizada por uma série de *mórbidos acontecimentos noturnos*: as galinhas e os animais domésticos tinham aparecido mutilados; [...], verdade é que as pessoas continuavam olhando para a Casa dos Radley, renitentes em abandonar as suas suspeitas iniciais (Lee, 2011, p. 15, grifo nosso).

Neste trecho, Scout nos deixa ver a sua inocência por meio da apropriação dos signos que a cidade atribui à Boo, mas de uma maneira fantástica. A sua percepção infantil ainda não a permite compreender as consequências negativas da perseguição que a cidade promoveu contra Boo Radley e, de uma maneira peculiar, a sua subjetividade converte a compreensão da “maldade”, que a cidade atribui a ele, com símbolos associados a um “mal” igualmente inexpugnável e misterioso, como “entidade desconhecida” (Lee, 2011, p. 13) “fantasma malévolo” e “mórbidos acontecimentos noturnos” (Lee, 2011, p. 15). Tal perspectiva mostra que ela e o irmão são fortemente influenciados pelo que dizem os outros moradores da cidade. Destacamos que essa “crença” fervorosa e absoluta das crianças sobre tudo o que dizem os moradores de Maycomb tem um prazo de validade. Essa inocência será perdida ao longo da narrativa, por situações ‘esclarecedoras’ que as crianças passarão, no qual elas são forçadas a reconhecer que os seus vizinhos não são tão boas pessoas assim, como acreditavam.

Sobre Boo, apesar do que falavam dele, e de como Scout e Jem idealizavam a sua imagem, este nunca fez nada além de ser-lhes atencioso e cuidadoso. Em vários

momentos, Boo presenteia as crianças, como visto em, “mas o *nosso maior prêmio* surgiu quatro dias depois. Tratava-se de um relógio de bolso que não funcionava, com uma corrente e um canivete de alumínio” (Lee, 2011, p. 61, grifo nosso). Em outro momento, enquanto a casa de um vizinho estava em chamas, Boo sorrateiramente coloca um cobertor em Scout devido ao frio do inverno, conforme visto em:

Olhei para baixo e reparei que estava embrulhada num cobertor de lã castanho quente cobria os ombros, à moda índia, tipo *squaw*.
— [...] É melhor guardarmos isto e o cobertor para nós. Talvez um dia a Scout possa lhe agradecer por tê-la coberto.
Agradecer a quem? — perguntei.
— Ao Boo Radley.
Estava tão distraída olhando para o incêndio que não reparei quando ele colocou o cobertor nas minhas costas (Lee, 2011, p. 71).

Mesmo sendo uma pessoa que não fazia mal a ninguém, muitas vezes Boo foi mal interpretado pela sociedade. Isso significa que ele representa as pessoas que foram prejudicadas ou afetadas pelo preconceito, representado aqui como um “mal inexpugnável”. Além de representar o tema inocência, Boo Radley também ajuda no amadurecimento de Scout e Jem. Se, no início do livro, as crianças faziam piadas dele, e fantasiavam sobre o seu modo de viver, ao final da história, Scout compreende que Boo era apenas uma pessoa comum e vítima da discriminação provinda da cidade. Esse entendimento promoveu o amadurecimento da sua opinião sobre Boo Radley, como visto em “estou começando a perceber porque é que o Boo Radley se manteve fechado naquela casa durante todo este tempo... *é porque ele quer estar lá dentro*” (Lee, 2011, p. 201, grifo nosso). Ou seja, por Boo Radley preferir ficar em casa, entende-se que ele se sente mais seguro recluso, longe da opinião pública, do que exposto para os julgamentos alheios.

Ao final da narrativa, após salvar Scout e seu irmão de um atentado fatal, Boo mata o homem que estava atrás deles. Atticus, então, decide proteger Boo e não deixar que ele seja acusado de tal crime. Nesse momento, Scout entende a razão por trás da atitude de seu pai, e reflete sobre a pessoa de Boo Radley: “bem, era mais ou menos como *matar um rouxinol*”¹⁵ (Lee, 2002, p. 280, grifo nosso). Após refletir sobre Boo Radley, Scout chega à conclusão de que seu pai estava certo, que pessoas inocentes não devem ser prejudicadas. E ela compreendeu que, assim como o

¹⁵ “Well, it’d be sort of like shootin’ a mockingbird, wouldn’t it?”

mockingbird, Boo Radley não merecia todo o preconceito que sofreu, resultando na morte da sua inocência.

Tal como Boo Radley, Tom Robinson também é um representante do símbolo do *mockingbird*, da inocência. A outra circunstância que envolve o pai de Scout, Atticus Finch, é quando este passa a atuar na defesa de Tom Robinson, um homem negro, conforme já apontado. Em razão desse trabalho de Atticus, Scout é forçada a viver as experiências que a levam a identificar, precocemente, o lugar onde mora como uma cidade racista e preconceituosa.

A construção para o segundo desdobramento narrativo, que leva ao significado do título, tem início quando Atticus, considerado um advogado renomado e devidamente respeitado pela comunidade, assume o caso de Tom Robinson. A decisão resulta em um alvoroço entre os moradores de Maycomb, que passam a abertamente discriminar Robinson em razão de sua negritude. Destacamos o “abertamente” principalmente em razão do vigor das leis Jim Crow¹⁶ naquele lugar. Ou seja, o racismo “velado” já era perpetrado por aquelas pessoas. Tal comportamento violento não tarda a chegar ao Atticus e à sua família. Como resultado, Scout, que, até então, vivia na doce “ignorância” da infância, passa a compreender os desdobramentos do preconceito racial, quando as consequências de tal preconceito passam a afetá-la diretamente. Diversos são os momentos no livro em que Scout e Jem são confrontados com tal discriminação, como visto em:

Pensando bem até ‘ocê não tem culpa por o Atticus ser amigo dos negros, mas problema é qu’isso anda preocupando o resto da família... [...] — Apenas aquilo que já te disse. A vó diz que já é ruim ele te deixar andar por aí vadiando, mas agora que se tornou amigo dos negros nunca mais poderemos voltar a andar pelas ruas de Maycomb. Está arruinando a família, é isso que ele está fazendo. [...] — Não passa é de um amiguinho dos negros! (Lee, 2011, p.79).

Na escola não era diferente, como quando Scout narra um encontro entre ela e um colega de escola: “a culpa foi toda do Cecil Jacobs. Tinha andado dizendo no

¹⁶ “Em 1868, foram aprovados os “Códigos Negros”, que restringiam a liberdade dos negros em diversos aspectos, como, por exemplo, a proibição da reunião entre negros, casamentos inter-raciais, possuir armas ou possuir empregos especializados, e, conseqüentemente, melhores. Aqueles que não obedecessem às leis e cometessem algum delito, receberiam como punição a prisão e posterior venda, em um leilão. (...) As leis *Jim Crow* se popularizavam com o intuito de promover o afastamento entre negros e brancos. As leis *Jim Crow* não se fortaleceram apenas por meio das práticas segregacionistas, mas, principalmente, pelo surgimento de grupos de extermínio que possuíam como slogan e objetivo dizimar o que eles consideravam como “população inferior”. Entre eles, o Ku Klux Klan (KKK), surgida em 1867, em Nashville” (Louro; Festino, 2022, p. 5).

recreio da escola que o paizinho da Scout Fitch *defendia os pretos*” (Lee, 2011, p. 73, grifo nosso). Em outro caso, quando Scout e Jem enfrentam uma das moradoras do bairro, a Sra. Dubose, ela os confronta com a seguinte fala: “pois é, para onde caminha este mundo, depois de um Finch se erguer contra os seus? E mais! O vosso pai não é melhor do que os negros e esse lixo para quem trabalha!” (Lee, 2011, p. 96, grifo nosso). Ou seja, ainda que Finch seja branco, passam a associá-lo a todos os “valores ruins”, resultantes do preconceito racial, que atribuem a Tom Robinson.

Novamente as crianças são expostas a uma espécie de “discriminação cruzada” e que apenas se agrava quando chega o dia do julgamento de Tom Robinson. Nessa ocasião, a cidade se encontra mais uma vez dividida. Devido aos ataques que Scout e sua família sofreram por seu pai estar trabalhando em defesa de Tom Robinson, Scout é colocada em situações que a fazem perceber a verdadeira natureza dos moradores de sua cidade, chegando mesmo a se envolver em brigas na escola, como resistência às discriminações feitas contra o seu pai, relacionadas ao Tom Robinson, como visto a seguir:

— Retire já o que disse, rapaz! — Esta ordem, dada por mim ao Cecil Jacobs, marcava o início de tempos um tanto ou quanto conturbados, tanto para mim, como para o Jem. Cerrei os punhos e estava pronta para atacar. Atticus já tinha prometido que me castigaria se soubesse que eu tinha andado brigando; *já era bem crescidinha para coisas tão infantis, e quanto mais cedo aprendesse a me controlar, melhor seria para todos*. Mas depressa me esqueci de tudo isso (Lee, 2011, p. 73, grifo nosso).

Posteriormente, Scout e Jem, furtivamente, assistem ao julgamento. Quando o pai deles perde a causa, as crianças observam de perto como a discriminação racial, enraizada nos moradores de Maycomb, culminou nesse momento. Jem, irmão mais velho de Scout, encontra-se desolado por tamanha injustiça. Então, Atticus se senta com o filho e explica o verdadeiro motivo do veredito de Tom Robinson: “mas o Tom Robinson *é um homem de cor*, Jem. Não há um único júri nesta parte do mundo que fosse capaz de dizer, ‘achamos que é culpado, mas não muito’, face a uma acusação destas. Ou era absolvição direta ou nada” (Lee, 2011, p. 194). Após o julgamento de Tom Robinson, este foi sentenciado à morte — mas não pelos meios legais. Na prisão, Tom foi morto à tiros em uma tentativa de fuga, por estar cansado de esperar pela clemência dos homens brancos e racistas. Como uma prova de sua “insignificância”, a cidade de Maycomb retorna à sua rotina normalmente, e a discriminação racial que

domina as estruturas municipais torna-se perceptível para Scout e Jem, o que fica nítido quando ela narra:

Para Maycomb, a morte do Tom era típica. Era típico um negro saltando e fugindo. Era típico da mentalidade de um negro não ter planos, não pensar no futuro e limitar-se a aproveitar a primeira hipótese que lhe aparecia pela frente. Engraçado, o Atticus Finch podia tê-lo conseguido pôr em liberdade, mas esperar...? Nem pensar. Sabem como eles são. Assim como vêm, assim vão. Tudo isto só prova que, apesar desse Robinson ser casado legalmente, de se manter limpo e asseado, segundo dizem, de ir à igreja e tudo isso, quando chega o momento da verdade o verniz é demasiado fino. O preto aparece sempre à tona (Lee, 2011, p. 212).

Apontamos, portanto, que a obra apresenta algumas das complexidades de se viver em uma comunidade racista. No entanto, a discriminação racial os posiciona contra a comunidade em geral, em razão da criação particularmente progressista que Atticus Finch lhes proporcionou. Como se evidencia ao longo da narrativa, tanto Scout quanto Jem enfrentam diversos conflitos, desde as brigas com os colegas de escola até a inimizade de sua própria família, em razão de uma postura de dignidade própria de pessoas conscientes de seus valores equânimes e justos. Ainda que as crianças não tivessem ideia dos crescentes protestos em nome dos Direitos Civis dos afro-americanos fora daquela cidade interiorana, seu senso de justiça já desenvolvido tornou a questão da inocência de Robinson muito clara.

O desenvolvimento do tema amadurecimento, o *coming-of-age* na narrativa, dá-se quando a protagonista inicia a história em sua zona de conforto, sendo obrigada a enfrentar alguma circunstância que a provoca profundamente, que, no caso de Scout, é a discriminação, o que a faz mudar de rumo de vida, bem como seus propósitos e visão de mundo. Hadi (2019) explica que “uma história de amadurecimento enfoca o desenvolvimento do(s) protagonista(s) desde a juventude até a idade adulta, com ênfase no crescimento pessoal e cultivo mental”¹⁷. Ou seja, o processo de amadurecimento de Scout depende da quebra da redoma de ignorância infantil que a protege, e que, conseqüentemente, representa a quebra da expectativa infantil sobre a suposta bondade irrestrita das pessoas. Indicamos que tal conceito é ingênuo e que existe apenas na concepção infantil de crianças acostumadas com o carinho constante, como evidencia-se na própria narrativa.

¹⁷ A coming-of-age story focuses on the development of the protagonist(s) from Youth to adulthood, with na emphasis on personal growth and mental cultivation.

O amadurecimento de Scout e Jem começa a ser retratado quando param de se divertir, de brincar, ou seja, saem de sua zona de conforto, para perceberem o que está acontecendo ao redor delas. Depois de terem conhecimento de alguns episódios de discriminação, como o de Boo Radley, e de testemunharem a discriminação racial contra Tom Robinson, Atticus aconselha Scout a se colocar na pele das outras pessoas para entender o que eles estão passando. Tal amadurecimento é percebido no seguinte trecho: “tal como o Atticus tinha me dito uma vez, *tentei colocar-me na pele do Jem e andar dentro dela durante um dia*” (Lee, 2011, p. 59, grifo nosso), quando a garotinha faz exatamente o que o seu pai a aconselha. Nesta passagem, Scout explica que tal mudança em sua personalidade é fruto do seu amadurecimento circunstancial, pela criação esclarecida que teve. Como visto em, “mas antes de viver com os outros, tenho de viver comigo próprio” (Lee, 2002, p. 120), é evidente que Atticus possibilita que o pensamento infantil de seus filhos se desenvolva para além das barreiras cognitivas da inocência, com falas que os façam refletir sobre seus atos, por exemplo.

A partir destes ensinamentos, Scout vai amadurecendo ao ponto de seu pai fazê-la refletir sobre o que está acontecendo na cidade e sobre as atitudes de seus vizinhos. Isso pode ser percebido quando Scout diz, “Atticus diz que enganar um homem de cor é dez vezes pior do que enganar um branco. Diz que é a pior coisa que se pode fazer” (Lee, 2002, p. 179). Ou seja, Scout compreende que os negros são abertamente perseguidos por uma estrutura segregatória e que tal reconhecimento pode motivar pessoas conscientes a não dificultar ainda mais as suas vidas, que já são desafiadoras o suficiente, acusando-as injustamente, por exemplo. Em um outro momento, após ponderar sobre o que ela e o irmão passaram nas aventuras para descobrir o que aconteceu com Boo Radley, ela diz, “já nos tinham acontecido tantas coisas que o Boo Radley era a menor das nossas preocupações” (Lee, 2011, p. 214). Nesse caso, torna-se nítido que o símbolo máximo do seu interesse e temor infantil passou a não significar tanto para ela depois que reconheceu um “mal inexpugnável” verdadeiro, que é o racismo.

Com o seu amadurecimento, Scout passou a se importar com aquilo que faz bem para ela e menos com o que os seus vizinhos comentam ou pensam, e como ela desenvolve uma nova visão de mundo a partir das suas novas evidências esclarecidas, como visto em: “cheguei à conclusão de que as pessoas eram estranhas, por isso, fui me afastando delas e só pensava nelas quando a isso era obrigada” (Lee, 2011, p. 214). A “inocência perdida” de Scout é consolidada quando

descobre a “verdadeira natureza” de seu vizinho, Boo Radley. Afinal, as crianças o julgavam como uma pessoa assustadora e malévola, pois assim escutaram dos outros. Quando eles finalmente conhecem Boo Radley, após este salvar suas vidas, Scout percebe que a pessoa que ela acreditava ser perigosa e malvada é, na verdade, um amigo em quem eles podem confiar. Tais episódios forçaram as crianças a saírem de suas bolhas de inocência.

Isso ocorre em um momento específico da narrativa, quando Scout e Jem brincam na porta de casa. Assustadas, as crianças imediatamente correm para dentro de casa. Alguns momentos depois, descobrem que o cachorro é o Tim Johnson. Nas palavras de Scout, “o Tim era um cão de guarda malhado cor de fígado, *a mascote de Maycomb*” (Lee, 2011, p. 87). Como descobrem as crianças, Tim Johnson estava contaminado pela raiva, tornando necessário seu sacrifício. Entendemos, portanto, que Tim Johnson simboliza os vícios dos moradores de Maycomb. Ou seja, os atos de discriminação racial e violência praticados pelos habitantes contra Tom Robinson representam um grande mal social, assim como no caso de Boo Radley. Pela alegoria proposta por Lee (2011), compreende-se que os moradores agem como um cachorro com raiva, fora de si. Sendo necessário o sacrifício do animal, os moradores recorrem a Atticus para realizá-lo. Ao sacrificar Tim Johnson, Atticus mostra que, mais uma vez, está protegendo sua comunidade. Nesse momento, grande parte das pessoas interpreta sua ação como a representação de um bem que “vence” o mal. Como segue no trecho:

Frente ao portão dos Radley, o Tim Johnson já tinha tomado uma decisão com o que lhe restava da sua mente. Por fim, se virou para prosseguir o seu caminho inicial rua acima. Deu dois passos, depois parou e levantou a cabeça. O seu corpo enrijeceu. Com movimentos tão rápidos quanto simultâneos, a mão do Atticus puxou o gatilho da arma à medida que encostava a coronha ao ombro. A espingarda disparou. O Tim Johnson deu um salto, rolou sobre si mesmo e caiu na calçada como uma massa branca castanha. Nem sequer entendeu o que o tinha atingido (Lee, 2011, p. 90).

Depois de sacrificar o cachorro, Atticus, adverte aos filhos: “não se aproximem daquele cão, está entendendo? Não se aproximem dele, que *ele é tão perigoso morto como quando era vivo*” (Lee, 2011, p. 91, grifo nosso). Essa fala de Atticus pode ser interpretada como um pai advertindo aos filhos parar ficar longe daqueles que fazem o mal aos outros, assim como os prevenindo quanto aos riscos metafísicos do racismo. Porém, mais do que isso, o sacrifício de Tim Johnson também pode ser

interpretado como uma falsa vitória do bem, Atticus, contra o mal, o racismo de Maycomb. Levando-se em consideração que matar o cachorro não libertaria a cidade do vício que corrompia o seu corpo, a raiva, compreendemos, então, que o racismo não acabaria com uma única ação individual. Podemos indicar, logo, que Tim Johnson simboliza os moradores racistas, e, diferente do que muitos acreditam, o bem nem sempre vence o mal.

Como indicam Gomes e Silva (2016, p. 152), “o Bem é aquilo que é útil e que estimula ou aumenta minha potência de agir, ao contrário, o Mal como aquilo que me impede de alcançar tal utilidade, e assim, diminuindo minha Potência de agir”. Interpretamos, dessa forma, que Atticus, o bem, “derrotou” apenas temporariamente Tim Johnson, que é o mal, e que também representa os moradores da cidade, que propagavam a discriminação racial pela comunidade. Porém, essa ação particular não acaba com o “mal inexpugnável” verdadeiro, que é o racismo. Ainda que Atticus destrua uma única evidência do vício, seja representando Tom Robinson no julgamento, seja atirando em Tim Johnson, o racismo continua a existir, resultando no homicídio de Robinson — como a cidade desejava fervorosamente desde o início. O reconhecimento dessa força que opera na vida humana é o que torna o amadurecimento de Scout tão particularmente amargo.

Indicamos, portanto, que a obra contém dispositivos literários que Lee (2002) utiliza para desenvolver a sua escrita e que são apropriados pelos leitores para compreender o texto plenamente. Tais dispositivos literários foram utilizados para nortear a análise da obra *O sol é para todos* (2002), de Harper Lee. Assim, a recorrência dos dispositivos literários apresentados na análise de *O sol é para todos* (2002) comprova que sua utilização coopera para uma narrativa que aproxime o leitor do texto, tal como permitiu à Lee (2002) discutir um assunto particularmente relevante, que é a perda da inocência infantil no contexto da discriminação racial, explícita e violenta. Logo, a interpretação de tais símbolos é primordial para a leitura e análise da obra, como evidenciamos ao longo da seção.

4 Considerações Finais

A literatura possibilita ao leitor uma maneira de conhecer melhor outra cultura, a história de outros povos, bem como aprender sobre fatos históricos que fazem parte de um país e ter contato com diferentes tipos de histórias e lugares. Como nos

esforçamos para evidenciar, a presença da literatura é imprescindível para a construção de um leitor-crítico, para o indivíduo reconhecer o seu lugar no mundo. Afinal, os livros e as histórias são elementos comuns para a cultura humana e faz-se necessário esse contato com as obras literárias a modo de se refinar as experiências humanas por meio da interpretação.

Logo, não há povo e não há homem que possa viver sem a literatura, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação de forma que se abstraia as experiências puramente humanas do nosso cotidiano. Por meio dessas interações com os textos literários, os leitores aprendem que a literatura é significativa, porque nos ajuda a entender melhor o mundo, expande o nosso vocabulário e nos fornece o prazer de um mundo que é constituído por palavras. Portanto, esta pesquisa desdobrou-se em analisar a obra *O sol é para todos* (2002), de Harper Lee, tendo como viés os dispositivos literários, sendo estes temas e símbolos utilizados por Scout para narrar a história do seu próprio amadurecimento.

Conforme analisado, os dispositivos literários são utilizados tanto por escritores, quanto por leitores, como recursos para obter uma narrativa mais complexa, que promova a formação de leitores-críticos. Em *O sol é para todos* (2002), Lee recorre à temas profundos, como a perda da inocência das crianças e a discriminação racial recorrente em uma comunidade racista. Ao amadurecimento, demos o nome de *coming-of-age*, um procedimento estilístico adotado por Lee (2002) para representar as consequências da exposição precoce de crianças a situações de violência. Lee (2002) se utiliza de símbolos para exemplificar tais temas, como é o caso do título do livro, em que o *mockingbird* representa a inocência que morre ou que foi perdida. Para isso, a autora apresenta ao leitor personagens como Tom Robinson e Boo Radley, que simbolizam o tema inocência, ou a “ausência de culpa”, e o cachorro Tim Johnson, que, em sua doença, simboliza o “mal inexpugnável” que representa o racismo.

Por fim, compreendemos que *O sol é para todos* (2002) é um clássico atemporal que aborda o amadurecimento infantil em um contexto de segregação no sul dos Estados Unidos, demonstrando, assim, o papel fundamental da obra ao representar, para um público jovem, as complexas problemáticas sociais de um período marcado por conflitos em torno dos direitos civis, tanto individuais quanto coletivos. Recorremos aos dispositivos literários para discutir esse tema, o qual se mostra não apenas relevante, mas também necessário, sobretudo ao considerar a

persistência de tensões sociais e políticas na contemporaneidade, o que torna a obra propícia a estudos e análises atuais. Sendo assim, apontamos que os dispositivos literários contribuem para a ênfase nos eventos da narrativa, destacando as emoções das personagens e promovendo o contato mais próximo do leitor com a escrita de Lee (2002), permitindo uma compreensão da obra a partir da própria leitura do texto, em uma perspectiva imanente.

THE COMING-OF-AGE AS LITERARY AESTHETIC IN *TO KILL A MOCKINGBIRD* (2002), BY HARPER LEE: CHILDISH INNOCENCE'S ENDS

Abstract: This research aims to present a literary analysis of the novel *To Kill a Mockingbird* (2002), by Harper Lee, based on the themes and symbols of the narrative, here understood as literary devices. The methodology is bibliographic in nature and was developed through the reading of academic articles and dissertations in order to build the theoretical framework on the literary devices selected to investigate the work. As theoretical foundation, we draw on Freitas (2020) and Candido (1995), with their contributions regarding the importance of literary reading, as well as Thompson (1973), whose studies on literary devices served as a basis for this research. As results, it is indicated that symbols are fundamental to the construction of the novel, generating meanings for the reader. Through the discussion of specific concepts, such as the loss of innocence, it is understood that the coming-of-age process of the children in the narrative develops through the dialogue between the characters' experiences, racial discrimination, and the very meaning of this journey for the reader. As final considerations, it is suggested that readers may make use of such interpretative devices throughout the reading of the novel, in order to promote a deeper understanding of the intrinsic meaning of the narrative, contributing to the development of critical and reflective skills.

Keywords: Symbols and signification. Literary devices. *To Kill a Mockingbird*.

Referências

BLOOM, H. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

BROOKS, C.; WARREN, R. P. (orgs.). *Understanding Fiction*. New Jersey: Prentice-Hall, INC. Nova York: Englewood Cliffs. 1983.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades; Ourosobre azul, 1995.

CHILDS, P.; FOWLER, R. *The Routledge Dictionary of Literary Terms*. London: Taylor & Francise-Library, 2006.

DOBIE, A. B. *Theory into practice: An introduction to literary criticism*. Nova York: Cengage learning, 2011.

DUPRIEZ, B. A Dictionary of Literary Devices. In: DUPRIEZ, B. *A Dictionary of Literary Devices*. Toronto: University of Toronto Press, 2016.

FREITAS, A. M. X. A importância do uso da Literatura como recurso facilitador no processo de aprendizagem. *Perspectivas Sociais*, Pelotas, v. 06, n. 01, p. 98-110, 2020.

GABRIELSEN, I.; BLIKSTAD-BALAS, M.; TENGBERG, M. The role of literature in the classroom: How and for what purposes do teachers in lower secondary school use literary texts?. *Educational Studies in Language and Literature*, v. 19 n. 1, p. 1-32, 2013.

GOMES, C. W. B.; DA SILVA, H. L. O problema do bem e do mal em Spinoza e Nietzsche: para uma crítica dos valores morais. *Occursus*, v. 1, n. 1, p. 133-154, 2016.

GOULART, H. R. de P. O Vigia de O Sol é Para Todos: representações do racismo e das relações raciais sulistas na obra de Harper Lee. *Temporalidades – Revista de História*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 217–231, 2017.

HADI, S. E. A ‘coming of age’ for all ages. *The Stanford Daily*. 2019. Disponível em: <https://stanforddaily.com/2019/09/23/a-coming-of-age-for-all-ages/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

KASIM, S. *Racial entailment in Bessie Head’s When Rain Clouds Gather and Harper Lee’s To Kill a Mockingbird*. 2022. 89 f. Trabalho acadêmico (Departamento de English and Literary Studies, Faculty of Humanities, Management and Social Sciences) – Federal University, Wukari, Wukari, Nigéria. Disponível em: https://www.academia.edu/94806108/RACIAL_ENTAILMENT_IN_BESSIE_HEADS_WHEN_RAIN_CLOUDS_GATHER_AND_HARPER_LeeS_TO_KILL_A MOCKINGBI RD. Acesso em: 11 abr. 2025.

LEE, H. *O sol é para todos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LEE, H. *To Kill a Mockinbird*. 1. ed. London: Perennial Classics, 2002.

LLOSA, M. V. Em defesa do romance. *Revista Piauí*, n. 37, out., 2009. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/em-defesa-do-romance/>. Acesso: 2 maio 2025.

LOURO, Yasmine; FESTINO, Griselda. O modernismo de Gertrude Stein: racismo e cubismo literário em “Melanctha” (1909). *Revista Cerrados*, v. 31, n. 59, p. 52-67, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/39532>. Acesso em: 15 jun. 25.

MUKHAMETZYANOVA, F. G.; VENIDIKTOVA, E. A.; MUKHTAROVA, L. M.; LITVINA, L. M. Stylistic devices for teenager character sketch creation in the Guilty Stars novel. *Opción*, v. 34, n. 86, dez. 2019. Disponível em:

<https://www.produccioncientificaluz.org/index.php/opcion/article/download/30369/31419>. Acesso em: 24 mar. 24.

SHAROPIDINOVNA, A. Z.; NASIROVNA, D. G. Specific Features of Symbols in Literature. *EPRA International Journal of Research and Development (IJRD)*, v. 6, n. 4, 2021.

THOMPSON, R. F. Teaching Literary Devices and the Reading of Literature. *Journal of Reading*, v. 17, n. 2, p. 113-118, nov. 1973. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40016540>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Recebido em 15/06/2025

Aceito em 05/05/2026

Publicado em 28/06/2026